

**DE MAGISTRIS COLENDIS (O RESPEITO AOS MESTRES): DISCURSO DE
POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA**

Eduardo Tuffani (UFF, ABRAFIL)
etuffani@yahoo.com.br

Boa tarde!
Senhoras e Senhores,
Componentes da mesa desta sessão,
Acadêmicos desta casa,
Demais presentes,

Agradeço as palavras a mim dirigidas por Amós Coêlho da Silva, professor e amigo dos mais prestativos e incentivadores. O Prof. Amós tem longa experiência no magistério do Latim e do Português e consolidou a sua carreira no ensino superior público e privado. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de que é Decano do Setor de Latim, trabalha em nível de Graduação, Especialização e Pós-Graduação, ensinando e estimulando os seus alunos no cultivo da Língua e da Literatura Latina, bem como da tradição clássica no mundo luso-brasileiro. Ao redigir este discurso, lia outros como modelos, optando por tratar dos que me educaram, antes da evocação do Patrono da Cadeira e dos seus ocupantes, sobretudo do meu antecessor. Cabe-me então falar dos que participaram da minha formação, quando tomo posse da Cadeira Quatro desta confraria dedicada à Filologia: “*De magistris colendis* (Dos mestres que devem ser respeitados) – O respeito aos mestres.”

Aos seus alunos mais ansiosos, inclusive eu, dizia o Prof. Ricardo Mário Gonçalves, orientalista: “Tudo ao seu tempo.” Com efeito, há muito admiro esta casa que me acolheu entre os seus membros. Se só agora pleiteei uma cadeira foi porque julguei que era o momento de trazer aos Senhores o meu nome e o meu currículo para que fossem apreciados pelos ocupantes das cadeiras desta Academia Brasileira de Filologia.

É agradável e também difícil recordar os mestres que contribuíram para a minha formação. Se uns são mais lembrados, se omissões são inevitáveis, penso que todos os que honraram e honram o título de “Professor” têm a sua importância na minha trajetória intelectual. Eu ainda não frequentava a Escola, e a minha mãe, Esther Tuffani, comerciante, me alfabetizava e me ensinava a desenhar: a pintura foi uma das minhas paixões. Do antigo curso Primário, como não mencionar o nome da Profa. Suely Miguel? Foi o mais humano daqueles quatro anos. Fiz o exame de Admissão para ingressar no Ginásio, entrei na 1ª série ginásial e, ao fim do ano de 1971, concluí a 5ª série do Primeiro Grau. Não quero me alongar muito nesses onze anos de formação pré-universitária, mas não posso deixar de citar os nomes de alguns professores: Linda Tonon (Português), José Zironi (Advogado, Português e Francês), Helena do Livramento (Francês), Mercedes Fabbre (História), entre outros docentes do então Instituto de Educação Estadual Padre Anchieta, na época, tradicional escola pública paulistana.

O gosto pelo estudo das línguas sempre me cativou. Nessa época, Português, Francês, Inglês e Italiano eram o meu contato com o universo quase inatingível dos milhares de idiomas. No Segundo Grau, procurei e encontrei dois livros fundamentais para a minha formação: *Primeiros exercícios de latim* de Éloi Ragon e *O selvagem* de José Vieira Couto de Magalhães, Patrono da Cadeira Oito da ABRAFIL. Tive de me valer da autoeducação para dar os meus primeiros passos no estudo do Latim. Graças a essa obra de Ragon, pude fazer, tempos depois, as primeiras disciplinas de Língua Latina no curso de Letras com melhor desempenho. Com as lições de Couto de Magalhães, me iniciei no aprendizado do Tupi Moderno. Esses dois livros me acompanharam durante a maior parte do Segundo Grau. Embora o estudo das línguas me fascinasse, o interesse pela História Antiga sempre esteve presente na minha vida. Tenho de admitir que o meu primeiro exame Vestibular foi para o curso de História; no entanto, após o meu ingresso nas Ciências Humanas (1979), encontrava-me com gramáticas de Hebraico, cursos de Tupi Antigo e Moderno, antologias de Português Arcaico e Clássico e outras obras do mundo das Letras. Antes de eu entrar na Universidade, o Prof. Jörn Jacob Philipson, sabendo do meu interesse por idiomas, procurou me orientar com leituras recomendadas: li Suzette Haden Elgin, Ronald Langacker e Henry Allan Gleason antes de entrar no curso de Letras. A transferência para o curso de Letras foi inevitável. O gosto pela Literatura também era muito forte em mim, sobretudo por autores clássicos gregos e latinos e canônicos brasileiros e portugueses.

No curso de Letras da Universidade de São Paulo (1981-1985), dediquei-me ao Português, ao Latim e ao Grego, ainda que não tenha podido obter a tripla habilitação pois possuía três matrículas e, logo que me formei, iniciei o curso de Pós-Graduação (1986) e fui aprovado em seleção simplificada para trabalhar como professor de Latim na Unidade de Assis da Universidade Estadual Paulista. Nos últimos anos da Graduação e nos primeiros do curso de Pós, atuei como revisor e professor de Português em estabelecimentos públicos e privados. Do curso de Letras da USP, devo citar os nomes dos professores Dulce de Faria Paiva (Língua Portuguesa), Antônio da Silveira Mendonça (Língua Latina), Maria da Glória Novak e Zélia de Almeida Cardoso (Literatura Latina), Ísis Borges Belchior da Fonseca (Língua Grega), Filomena Yoshie Hirata e José Antônio Alves Torrano (Literatura Grega). Embora não tenha sido seu aluno, Segismundo Spina, filólogo e medievalista, foi meu mestre pelos seus livros. A mesma consideração vale para José Aderaldo Castello, do Setor de Literatura Brasileira. Outro professor que não foi meu, mas até hoje é uma companhia inteligente se chama Erasmo d'Almeida Magalhães, do Setor de Línguas Indígenas. Infelizmente não pude assistir às aulas de Isaac Nicolau Salum por ter optado pela tripla habilitação. Para tentar compensar essa lacuna, ao longo da Graduação, li as obras *Fontes do latim vulgar* de Serafim da Silva Neto, *Introdução aos estudos literários* de Erich Auerbach *Preparação à linguística românica* de Sílvio Edmundo Elia, *A unidade da România ocidental*, *Gramática do latim vulgar* e *O problema do latim vulgar* de Theodoro Henrique Maurer Júnior. Aproveito para render homenagem a Maurer Júnior, detentor de uma das mais belas carreiras nos cursos de Letras no Brasil.

O tempo em que trabalhei na Unidade de Assis da Unesp (1987-1994) coincidiu, em boa parte, com o curso de Pós-Graduação levado a termo na USP. Inicialmente sob a orientação da Profa. Zélia de Almeida Cardoso e, posteriormente, do Prof. Jônatas

Batista Neto, medievalista e orientalista, desenvolvi uma tese intitulada *Vitrúvio e a formação do arquiteto* (1991), em que busquei tratar, entre outros pontos, da fortuna da obra de Vitrúvio e da prosa métrica desse autor, aspecto muitíssimo pouco estudado no *De architectura*. Em Assis, foi muito proveitoso o convívio com o Prof. Ênio Aloísio Fonda, recentemente falecido, idealizador e fundador do *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*, centro de pesquisa dedicado ao inventário e ao estudo dos poetas latinos brasileiros do século XVI ao presente. Na Unesp, colaborei com o Setor de Língua Portuguesa sempre que fui solicitado, principalmente em atividades de extensão.

O ingresso no serviço público federal se deu em Brasília com a minha aprovação em concurso público para professor de Língua Latina na Universidade de Brasília (1994). A minha permanência na UnB foi muito importante pois estive em contato com o Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, um dos nossos maiores linguistas e tupinólogos. Em Brasília, enfim, foi-me possível retomar o estudo do Grego, interrompido no fim da Graduação, tendo ministrado disciplinas de Língua Grega. Em setembro de 2000, tive o meu cargo de professor redistribuído para a Universidade Federal Fluminense. De lá para cá, tornei-me parte integrante do quadro de latinistas que defende a mesma bandeira neste Estado do Rio de Janeiro. Não vou tratar aqui de minha obra, mas essa longa caminhada por Estados e Universidades me proporcionou a oportunidade de conceber e executar o trabalho de pesquisa que resultou no *Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)*.

Tenho certeza de que muito já se tratou desta Cadeira Quatro e de seus ocupantes. Francisco Sotero dos Reis, Patrono da Cadeira, foi o primeiro professor de Latim do antigo Liceu Maranhense. Sotero dos Reis foi um dos mais importantes latinistas no cenário intelectual do século XIX em terras maranhenses e brasileiras. Parte de sua obra foi publicada só no século XX, e, lamentavelmente, parte se perdeu para sempre, como no caso da tradução da obra de Tibulo. Como não posso discorrer sobre todos os ocupantes, também não posso deixar de citar o nome do Prof. Ernesto Faria, Catedrático de Língua e Literatura Latina da então Universidade do Brasil na sua antiga Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras. Com quatro de seus vários livros, o Prof. Faria garantiu o seu nome na estante brasileira de Latim: *Dicionário escolar latino-português*, *Fonética histórica do latim*, *Gramática superior da língua latina e Introdução à didática do latim*. Se não menciono outras obras relevantes, é porque essas quatro são reelaborações de trabalhos anteriores. O Prof. Faria foi o fundador da Cadeira Quatro, e o Prof. Castelar de Carvalho, o último ocupante. Com a sua passagem para o quadro especial desta casa, a cadeira ficou vacante. Castelar de Carvalho é professor aposentado de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo exercido longa atividade nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. O Prof. Castelar coordenou o grupo de pesquisa “Língua Portuguesa e Música Popular Brasileira”, além de ter atuado em atividades de extensão universitária. Atualmente, é professor do curso de Especialização em Língua Portuguesa do Liceu Literário Português. Das obras do Prof. Castelar, devem-se citar, entre outras: *Para compreender Saussure*, *Ensaio graciliano*, *Noel Rosa: língua e estilo*, esta última em coautoria com o Prof. Antonio Martins de Araujo, Presidente desta Academia. O *Dicionário de Machado de Assis* é o coroamento de uma carreira dedicada ao ensino e à pesquisa;

porém, como a capacidade humana não tem fim, continuamos à espera de outras obras do Prof. Castelar de Carvalho. O Prof. Dante Tringali, de Latim e de Teoria Literária da Unidade de Araraquara da Unesp, publicou a maior parte de seus livros depois de aposentado. Finalmente, a tese do Prof. Castelar de Carvalho, *O pronome se: uma palavra oblíqua e dissimulada*, é um exemplo de tese feliz, tese que não é um mero trabalho escolar ou uma prova de erudição, é uma tese muito bem sucedida. Eu a li por sugestão da Profa. Lúcia Maria Pinheiro Lobato, nos meus primeiros anos de Brasília, muito ligado que era ao seu grupo de pesquisa. Sou testemunha do apreço que a Profa. Lúcia Lobato passou a ter, nos seus últimos anos de vida e de trabalho, pelos filólogos brasileiros e portugueses que enriqueceram o estudo da Língua Portuguesa divulgando os seus trabalhos nos séculos XIX e XX. Para terminar, espero honrar o nome desta casa e me fazer merecedor do voto que recebi dos Senhores, agora meus colegas, confrades de Academia. Concluindo este discurso, lembro que hoje, 5 de novembro, é o Dia Nacional da Língua Portuguesa. Muito obrigado pela atenção.